

**Dona Farailda - uma “casamenteira” no sertão baiano:
memória, gênero e construção de si**

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS*

Ao realizar minha pesquisa de mestrado intitulada *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*¹, em que estudei práticas e representações referentes às relações de gênero em Serrolândia², pequena cidade localizada no sertão baiano, deparei-me com uma personagem que, de alguma forma, me chamou atenção pelo seu comportamento distinto da maioria dos sujeitos (as) pesquisados (as), especialmente das mulheres. Conclui a pesquisa em 2006, ocasião em que Dona Farailda havia se casado seis vezes e tinha 76 anos; atualmente encontra-se com 81, tendo-se casado sete. Casou-se com um senhor 12 anos mais jovem, aos 78 anos.

Mas além de gostar muito de casar-se Dona Farailda é também bastante conhecida em Serrolândia por ser “casamenteira”, realizando ela própria, na cidade, “casamentos de contrato”. Esses casamentos, embora não tivessem nenhuma “validade jurídica” eram realizados, com certa frequência provavelmente até o final da década de 1980. Sua existência nos leva a refletir sobre a importância que o casamento tinha para as camadas populares naquela sociedade; a realização deles sugere que um ritual de união entre os casais ainda era imprescindível para aquela comunidade, independente de seu aspecto legal.

Nesse texto analiso a trajetória dessa mulher, discutindo seu processo de “construção de si” a partir das suas memórias. Além das entrevistas realizadas com ela utilizo também como fonte depoimentos de pessoas ligadas a ela ou que viveram (ou ainda vivem) em Serrolândia e que se dispuseram a falar sobre as representações em torno dessa “figura lendária”. Não tratarei dos “casamentos de contrato”, realizados por ela, tendo em vista os limites desse texto.

* Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

¹ Refiro-me a minha pesquisa de Mestrado que resultou no livro AUTORA. 2007.

² Serrolândia é um pequeno município do interior da Bahia, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 Km de Salvador, na região Norte. De acordo com o IBGE sua população estimada em 2004 era de 11.927 habitantes.

Dona Farailda aparece como uma mulher que, reproduz em seu discurso valores “tradicionais” como a defesa da família, do casamento monogâmico, visto na perspectiva heteronormativa, ao mesmo tempo em que tem práticas que parecem subverter normas estabelecidas para as mulheres daquela comunidade. Nesse sentido, utilizo o conceito de “tática” de Michel de Certeau (CERTEAU, 2009: 91-100), procurando compreendê-la como uma mulher que subverte sem o enfrentamento direto, agindo no campo oposto sem propor um contra-poder; faço uso também do conceito de “paradoxo” de Joan Scott (SCOTT, 2002: 29), na perspectiva de positivar ações aparentemente contraditórias.

Dona Farailda – memória e construção de si

Dona Farailda nasceu no ano de 1929 em Monte Alegre, distrito do município de Mairi, interior da Bahia. De acordo com seu depoimento, foi morar em Serrote³ em 1943 quando tinha 14 anos. Dois anos mais tarde casou-se com seu primeiro marido (15 anos mais velho que ela). Assim que se casou foi morar na “roça”⁴ para “ajudar os pais na lavoura”, retornando ao distrito apenas em 1953.

Ela afirma nunca ter frequentado a escola, sabendo apenas “assinar o nome” e tendo trabalhado muito durante toda vida. Pertencente às camadas populares, trabalhou como lavradora, costureira, parteira, pequena comerciante, entre outras tantas atribuições “destinadas” aos pobres no sertão. Teve cinco filhos (todos com o primeiro marido, que faleceu após 28 anos de relacionamento) e após ficar viúva casou-se novamente. Entre experiências de viuvez e separações, casou-se sete vezes.

Ao narrar sua experiência de diversos casamentos Dona Farailda sempre se mostra preocupada em justificar sua “prática casadoira”: “(...) o povo, uns dizia: ‘oh mulher danada, oh mulher de fogo’. Mas num era fogo, era precisão, solidão, viver sozinha, como de fato eu tenho medo, eu tinha medo de viver sozinha, eu tinha medo de viver sozinha, minha fia”.⁵

³ Nome de Serrolândia antes da sua emancipação, que ocorreu em 1962. Até este ano Serrolândia pertencia ao município de Jacobina.

⁴ Termo referente à zona rural muito usado na região pesquisada.

⁵ Entrevista com Dona Farailda, em 09.02.2011.

Em várias entrevistas realizadas com Dona Farailda o pavor de viver sozinha aparece com bastante frequência. Mas o que chama a atenção em suas falas é sua preocupação em justificar um comportamento considerado desviante: uma mulher casar-se muitas vezes. Sua narrativa é recheada de justificativas religiosas, quando muitas vezes atribui a Deus, ou à sorte, o fato de ter se casado tantas vezes, como no trecho abaixo:

Não, nunca liguei pra ninguém não, chegou a hora de casar eu me casava, eu... chegou a hora eu pedia: Jesus eu estou só, se Deus vê que eu mereço me dê um home meu, por que eu não quero vida a toa, isso eu cansei de conversar nas minhas orações, eu não quero vida a toa, e vinha Vânia, vinha home, era eu ficar sozinha vinha home me vê...⁶

Em outro depoimento afirmou “Quem me fez casar diversas vezes foi muita sorte”⁷, refletindo a noção de que ela não se coloca como uma mulher “sedutora” ou “poderosa”, embora seja vista assim por algumas pessoas da comunidade. A construção que faz de si parece está pautada na ausência de ação própria, quando atribui a sorte ou a Deus o fato de casar-se mais que o considerado normal para uma mulher. É interessante pensar que ela não quer ser responsabilizada por subverter a ordem. Isso é muito compreensível se pensarmos na sociedade conservadora em que ela vivia (e ainda vive). Entretanto, em diversas entrevistas é possível perceber que ela era uma mulher autônoma e independente, embora prefira se “travestir” de mulher submissa.

Outra reflexão possível nessa fala é que ao mesmo tempo em que diz não se importar com o que os outros iriam falar, ela afirma não querer ter “vida a toa”, o que significa uma demonstração de importância da norma presente em seu discurso.

É possível perceber que o comportamento considerado “anormal”/ “desviante” gerava comentários negativos em torno dessa personagem. É muito interessante perceber como Dona Farailda constrói um discurso sempre vinculado ao casamento como forma de afirmação de uma “honestidade” feminina.

As narrativas acerca do seu comportamento são muito interessantes, elas aparecem nos depoimentos de pessoas que viveram (ou vivem) na cidade, a exemplo de Dona Águida, que foi sua vizinha:

⁶ Entrevista com Dona Farailda, em 03.08.2010.

⁷ Entrevista com Dona Farailda, em 13.04.2006.

*A história de Farailda é muito complicada. Farailda tinha uma freguesa, que tinha uma barraca na porta dela, dia de feira e o marido ficava ali junto com a muler ajudando, que era seu Gildásio, quando pensa que não, seu Aristides que ela arranhou em Jacobina vendendo feijão, arranhou esse home, seu Aristides adoece, os filho vem, leva pra Salvador, lá Aristides morre, com oito dia terminou morrendo, foi enterrado, enterrou lá mesmo, os filho tava pra lá, enterrou lá mesmo. Quando foi com pouquinhos dias, com oito dias que Aristides morreu a muler do home morreu, que tinha barraca na frente junto, na frente da casa dela, aí Farailda chegou, num sei se tinha um mês, disse: ah, seu Gildásio fulana morreu... esqueci o nome dela. É. Aristides morreu, nós agora todos dois tamos viúvo, tá bom de nós casar. Ela mesmo falou a ele. Aí casaram.*⁸

Ao descrever o comportamento de Dona Farailda, Dona Águída apresentou-a como uma mulher completamente autônoma, que subvertia os modelos tradicionais em que as mulheres esperavam ser cortejadas e requeridas para o casamento. É muito provável que ela fosse considerada uma “mulher falada”, pois ela própria confirmou o incômodo que causava nas pessoas ao comportar-se de forma não convencional:

*Dizia elas que meu tabaco (vagina) coçava mais que o delas, que o marido morre... cansava de dizer, tem essas doida ainda por aí que diz: parece que tu é doida, se eu ficar viúva eu não caso mais.(...) Amiga de dizer que eu não era como elas, que parece que eu era macho, que eu não podia ficar quieta, eu disse: deixe comigo, que eu sou sã.*⁹

As representações em torno da sexualidade feminina que aparecem nesse depoimento nos fazem pensar nas construções de feminilidades e masculinidades no espaço pesquisado. Dona Farailda diz ser associada a “macho” por suas amigas por admitir ter vida sexual. É interessante a defesa que ela faz do seu comportamento afirmando ser “sã” (saudável), visto que parece estar no imaginário que ela não era “normal”, que tinha mais necessidade de sexo que outras mulheres daquela comunidade.

No processo de “construção de si”, ela se projeta como uma mulher que em nada difere da maioria das mulheres da comunidade, no entanto, por mais que se esforce nessa construção, não parece ser vista assim. A recepção dessa imagem pode ser problematizada a partir das próprias contradições do discurso que veicula.

O historiador Benito Schmitd, em artigo intitulado “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’” (SCHMIDT, 2009: 155-171), discute o processo de “construção de si” da jornalista Gilda Marinho, que

⁸ Entrevista com Dona Águída, em 08.02.2011.

⁹ Depoimento citado.

segundo ele se constrói como uma “mulher excepcional”. De acordo com esse autor, Gilda, “filha de uma família de projeção na cidade Pelotas”, tornou-se jornalista em Porto Alegre, participando de grupos nos quais qualidades como inteligência, comunicação e beleza eram valorizadas e estimuladas para uma mulher. Provavelmente por isso construiu-se como uma “mulher excepcional”, que gostava de subverter, pois provavelmente era, ou gostaria de ser, admirada por isso.

Diferentemente de Gilda, Dona Farailda tenta construir-se como uma mulher “normal”/“comum”, construção perfeitamente compreensível, levando-se em conta que precisava sobreviver em uma sociedade conservadora. A aceitação dos sujeitos em uma dada sociedade está relacionada aos valores compartilhados por ela; mas é claro que esses valores não são homogêneos, variando de acordo com as classes, gêneros, gerações, raças/etnias, entre outras categorias. Ela prefere construir uma imagem de si o mais próxima possível do que se espera de uma “mulher normal”, esposa submissa e recatada, e não de uma mulher autônoma e “desobediente” como revelam as narrativas sobre ela, e as suas próprias, em alguns momentos.

Não quero defender que Dona Farailda seja uma mulher excepcional, até porque a ideia de excepcionalidade traz o risco de hierarquização dos sujeitos, no sentido de que uns são mais interessantes que outros; entretanto, não é possível negar que suas práticas vão de encontro à da maioria das mulheres daquela comunidade. O que me interessa aqui é problematizar a construção que ela faz de si, pautada nos discursos normativos, tendo sido mais importante construir-se como uma “mulher honesta”, visto que era difícil a sobrevivência das “mulheres faladas” em seu espaço e tempo, especialmente nos anos 1970. É nessa década que fica viúva e inicia as experiências de sucessivos casamentos, rompendo com a imagem da “viúva casta”, ainda presente no meio social da época.

Em sua narrativa, a imagem de mulher obediente é frequentemente reforçada, ao tempo em que deixa escapar sua desobediência, como no trecho abaixo em que narra a experiência como parteira:

Oito criança eu peguei, hoje ta tudo ai. Veio curso de Jacobina pra eu tomar, de parteira, e eu não fui, meu marido não deixou, disse que não era besta pra ficar ele dormir na cama e eu ia sair pra pegar menino. (...) Eu peguei minha filha, peguei dois no caminho de Jacobina, só cheguei lá pra cortar o umbigo. Depois Deus me ajudou que eu aprendi. E ai eu levava as mulher. (...) cansei de sair dez horas, onze horas da noite, deixar minhas

*filhas dormindo, meu marido em casa, ia pegava o carro na porta e ia lá naquelas rua, panhava aquelas mulheres pa Jacobina.*¹⁰

Ao defender em seu discurso valores conservadores, mas ao mesmo tempo efetivar práticas que vão na contra-mão do que era esperado para uma mulher naquela sociedade, Dona Farailda utiliza-se de táticas, pois não parece ter a pretensão de subverter os modelos idealizados para as mulheres naquele tempo/espço. Utilizo “tática” no sentido que Michel de Certeau define como ações e práticas realizadas no “lugar do outro”. A tática, de acordo com esse autor, não cria um contra-discurso, nem pretende atuar como um poder, mas está presente no cotidiano como rastro, astúcia; embora subverta o modelo social, ela o faz sem o enfrentamento direto. A tática seria a “arte do fraco”, ou nas palavras do historiador francês:

A tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Bullow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço visível e objetivável. (...) Em sua densidade paradoxal esta palavra destaca a relação de forças que está no princípio de uma criatividade intelectual tão tenaz como sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhadas no terreno da ordem dominante, estranhas às regras próprias da racionalidade e que esta impõe com base no direito adquirido de um próprio. (CERTEAU, 2009: 91-100)

Dona Farailda não parece querer interferir na ordem dominante; ela reforça em seu discurso valores que reafirmam hierarquias de gênero, como o uso do termo “mulher ruim”¹¹ para referir-se a mulheres consideradas “mal comportadas”, que se relacionam sexualmente com homens casados, por exemplo. Nesse sentido, considero-a bastante paradoxal, pois ao mesmo tempo em que se comporta de forma não convencional para uma mulher na sociedade em que vive, reafirma em seu discurso representações de gênero que reforçam estereótipos sobre o feminino e o masculino.

Joan Scott, ao tratar do paradoxo como um conceito essencial ao feminismo, desconstrói a associação geralmente feita desse termo a algo negativo, defendendo que assumir a importância do paradoxo pode iluminar muitas reflexões. Sua argumentação está pautada na dificuldade que as feministas tiveram no enfrentamento do paradoxo da igualdade/diferença; para reivindicar a igualdade, elas acabaram tendo que se basear na

¹⁰ Depoimento citado.

¹¹ Depoimento citado.

diferença sexual, identificando-se como “mulheres” em oposição aos “homens”. Ao abordar a relação entre paradoxo e feminismo a pesquisadora citada afirma:

Os paradoxos a que me refiro não são estratégias de oposição, mas elementos constitutivos do próprio feminismo. A história do feminismo é a história das mulheres que só tiveram paradoxos a oferecer não porque – como queriam os misóginos – a capacidade racional da mulher seja deficiente ou a essência de sua natureza seja fundamentalmente diferente, nem porque o feminismo ocidental, de algum modo, não conseguiu alinhar teoria e prática, mas porque o feminismo ocidental e historicamente moderno é constituído por práticas discursivas de política democrática que igualaram individualidade e masculinidade. (SCOTT, 2002: 29)

Considero a contribuição de Scott essencial para refletir sobre a aparente contradição presente na construção discursiva paradoxal de Dona Farailda. Assim como o feminismo, pensado enquanto movimento, as mulheres em seu cotidiano, tiveram historicamente que atuar em um campo marcado por definições hierárquicas de gênero. Mesmo quando subvertem convenções através de práticas, muitas delas encontram dificuldades no enfrentamento da norma, preferindo agir de forma “tática”. Nesse sentido, penso que Dona Farailda, como todo ser humano, apresenta várias faces, por vezes contraditórias, o que pode levar a uma visão negativa de seu comportamento: ora é acusada de enganar “o povo” ao realizar os “casamentos de contrato”, ora pode ser considerada “bondosa”, por ajudar as pessoas a não serem discriminadas por estarem na condição de “amigados”.

Adjetivos como “generosa” “bondosa”, “popular”, “querida”, entre outros, aparecem nos discursos sobre a atuação de Dona Farailda e sua relação com a cidade, a exemplo da entrevista com Célia e Severino, casal que teve seu “casamento de contrato” realizado por ela:

*É, mas ela era muito... muito... muito, assim, querida, né? Na comunidade... até hoje... (...) Ela era popular. Onde ela vive, né? Fala com todo mundo... (...) Ela é muito gente boa. (...) Bem conhecida, bem popular demais, né? (...) Até hoje todo mundo gosta dela, né?*¹²

A referência de Dona Farailda como uma mulher generosa, além de ser muito recorrente nas falas dos depoentes, aparece no seu próprio discurso. Sua filha (e ela própria) confirma que ao longo da sua vida ela teria “criado” algumas crianças e

¹² Entrevista com Célia e Severino, em 28.05.2010.

adolescentes órfãos ou que tinham sido abandonados pelos pais. Também recebeu em casa para morar com ela o filho do seu primeiro marido com “outra mulher” que, segundo ela, “não tinha culpa” dos atos do pai.

(...) Quando eu vim saber o menino tinha vinte anos. A cara de Dário! (nome do primeiro marido) A mãe é minha amiga por que escondeu de mim, por que escondeu, me zelou, ne? Quando ele morreu o menino ficou com dois meses e a danada não disse quem era o pai e eu nunca vi o menino.

É interessante a forma como Dona Farailda refere-se à ex-amante de seu marido, valorizando o fato desta ter lhe escondido uma “verdade dolorosa”. Em seu discurso ela condena completamente qualquer forma de relação extra-conjugal narrando sua reação violenta ao descobrir uma outra amante do marido quando ainda era jovem

Quanto à “criação” de meninas, orgulha-se de nenhuma ter “se perdido”¹³:

Agora eu criava aquelas meninas, dava remédio, dava vestido, era assim. Ai quando casava, aparecia o namoradinho e graças a Deus, Deus foi por mim, que nunca que perdeu uma. Teve uma que teve um filho, entrou pa dentro de minha casa, me ajudava e casou, era mãe solteira, casou. É assim Irmão Mendonça, antes de eu ser crente, eu era muito católica, todo mês eu batizava uma criança duas, antes de entrar pra igreja. É oitenta e três afilhados, quando eu deixei de batizar, oitenta e três. Chegou um tempo que meu marido dizia assim: Oh mulher, nós já podia ter um carro na porta, mas você da tudo pra esses seus afilhados. Dava presente, dava roupa. Fazia bolo. Minha luta foi criar gente ali, mas era um prazer que eu tinha, e eu respondia a ele assim: oia home, deixa, eu não estou pedindo nada, eu trabalho pra isso mesmo, porque quando eu morrer eu sou difunto! Quando eu morrer eu sou difunto, então deixa eu, eu não tou te pedindo do seu bolso, eu trabalho. Cansei de chegar da roça, ele deitava aqui no sofá e eu passava a mão na costura, minha casa era duas sala, e eu cortava aquelas costura.¹⁴

Fica muito evidente nessa fala a importância dada por ela à virgindade e ao casamento. Além disso, ao referir-se à quantidade de afilhados que possui, Dona Farailda reforça a idéia de que era amada e admirada na cidade. Também reafirma sua independência financeira frente ao marido, o que, segundo ela, lhe permitia fazer a “caridade” desejada.

¹³ Discuti em minha pesquisa de mestrado as consequências da perda da virgindade para uma “moça de família”, bem como as mudanças em torno das representações desta em Serrolândia, entre 1960-1990. (VASCONCELOS, 2007).

¹⁴ Depoimento citado.

Suponho que o elemento da generosidade, recorrente nas representações sobre Dona Farailda, e na “construção de si”, pode ter contribuído para sua sobrevivência, e de certa forma para a aceitação do seu comportamento, visto que, além de se casar diversas vezes, ela era acusada de ter um amante na cidade, procedimento aceito e naturalizado apenas para os homens em seu meio social.

Farailda já casou bem umas seis vez, eu num sei onde ela acha tanto casamento.(...)É... homem pra é Farailda é fácil demais, eu nunca vi uma coisa dessa porque eu...Eu num sei onde ela acha tanto home, que tem moça que... a Lucinha coitada luta pra arranjar uma pessoa que preste pra casar num acha e Farailda acha demais.¹⁵

A filantropia tem sido discutida a partir de uma nova perspectiva, rompendo com visão tradicional que o associa exclusivamente com o assistencialismo e com o favorecimento do poder masculino. Algumas historiadoras discutiram essa prática como uma possibilidade de saída das mulheres na ocupação do espaço público (PERROT, 1991: 03-539; FREIRE: 2006), julgando esse elemento importante para a conquista da independência feminina. Apesar de elas se referirem predominantemente a mulheres de camadas abastadas, não deixa de ser interessante relacionar a filantropia realizada por essas mulheres com a “generosidade” atribuída a Dona Farailda, no sentido de pensá-la como elemento de resistência feminina, que aparentemente reforça estereótipos, mas que também pode transformar-se em poder.

Algumas considerações finais... mulheres do sertão: representações e práticas

Historicamente as representações acerca do feminino no sertão baiano figuravam em torno da submissão e da seriedade. Tanto as mulheres eram vistas como subordinadas, não exercendo papel de sujeito das suas ações e práticas, como também se configurava uma idealização da sertaneja como “mulher séria”. Tal “seriedade” estaria relacionada tanto ao comportamento como ao sofrimento advindo da vida difícil que levava; tais elementos aparecem em representações nas fontes orais e em processos judiciais já pesquisados (VASCONCELOS, 2007).

¹⁵ Depoimento citado.

Estudando outro período da história, o século XIX, Miridan Knox Falci trata das “mulheres do sertão nordestino” (FALCI, 1997)¹⁶ apresentando uma análise das mulheres de camadas abastadas que também aparecem como “fortes e sérias”. Ao apresentar uma leitura sobre o daguerreótipo (de 1870) de Dona Maria Joaquina, uma rica esposa de um fazendeiro do Piauí afirma:

[...] Tudo de acordo com o esperado dessa certa categoria de mulher: fisionomia austera, de comando, sem nenhum sorriso nos lábios e rosto, cabelos presos singelamente num coque sobre a nuca, vestido preto de mangas compridas (já que o recato era um dos valores mais cultivados) [...](FALCI, 1997: 246)

Na associação entre “seriedade” e “honestidade,” a última, quando referida ao feminino, é vista como diferente da masculina – pois enquanto esta se pauta no econômico - a outra estaria relacionada à sexualidade: uma mulher “séria” e “honesta” comporta-se dentro dos padrões idealizados para “uma mulher de família”¹⁷, devendo ser fiel ao casamento monogâmico, constituindo-se como esposa e mãe.

Considerando que as construções acerca do masculino e do feminino são culturais, variando de acordo com o tempo e o espaço, podemos compreender múltiplas representações de gênero, seja no Nordeste, no sertão ou em qualquer outro espaço sociocultural. Quando nos referimos ao Nordeste/sertão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003), ao mesmo tempo em que podemos nos reportar às imagens cristalizadas que o associam à seca, à fome e ao calor, aos “cabras machos” e às “mulheres sérias”, podemos desconstruir essas representações a partir das práticas dos sujeitos que, de certa forma, subvertem essas imagens.

Ao estudar as relações de gênero em Serrolândia, encontrei práticas e representações de homens e mulheres que contrariavam as representações “tradicionais” de gênero, visibilizadas através de estereótipos sobre o feminino e o masculino. Dessa forma, propus-me a estudar a trajetória de Dona Farailda que, além de ter-se casado mais vezes que o esperado e aceito para uma mulher naquela sociedade, como dito

¹⁶ Apesar de considerar o texto interessante, identifico um equívoco no título, visto que o Nordeste ainda não existia com essa denominação no século XIX, sendo assim chamado somente a partir de 1910 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000).

¹⁷ Discuti as representações em torno da honestidade feminina em minha pesquisa de Mestrado citada acima. (VASCONCELOS, 2007).

acima, fazia “casamentos de contrato”. Esse desafio está apenas começando... ainda há muito o que descobrir sobre a invenção e reinvenção de si da “casamenteira” do sertão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2000.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOM MEIHY, José Carlos S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieller”. In:

BRESCIANI, Stella; NAXARA Márcia (Orgs.). **Memória e Ressentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. pp. 287-312.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 183-191.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. “Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais”. In: **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

_____. “O mundo como representação”. In: **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. pp. 61-79.

DE CASTEELE, Sylvie Van y VOLEMAN, Danielle. “Fuentes orales para la historia de las mujeres”. In: ESCANDÒN, C. R. (Org.) **Gênero e História**. México: Instituto Mora/UAM, 1992.

FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mães, mulheres e médicos. Discursos maternalistas em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)**. 2006. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) Programa de Pós- Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 167-182.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas - uma questão de classe**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez., 1990.

_____. “História das Mulheres”. In: Burke, Peter (org.), **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. **A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

_____. “O enigma da igualdade”. **Estudos Feministas**. Vol. 13/n. 1/2005, Florianópolis: CFC/CCE/Universidade Federal de Santa Catarina, 2005, pp. 11 – 30.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’”. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp. 155-171.

SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

_____. “Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas”. **Revista Estudos Feministas**. Vol. 5, nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

VASCONCELOS, Vânia. **Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)**. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

WADI, Yonissa e SOUZA, Keila. “Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade” In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp. 93-130.